

LINGUAGEM & COMUNICAÇÃO GRÁFICA (I)

Flávio Vinicius Cauduro

Escrita e Logocentrismo

De acordo com o *Curso de Lingüística Geral*, de Ferdinand de Saussure (Saussure 1916/1974), *semiologia*, que muitos hoje preferem chamar de *semiótica*, seria a ciência destinada a estudar a vida dos signos na sociedade, e teria como modelo emblemático a linguagem falada, já que ele a considerava, dentre os muitos sistemas de signos existentes, como sendo o mais natural e apropriado para tal estudo – porque a maioria de seus signos eram arbitrários e porque ela estava necessariamente presente em qualquer ato de comunicação. Assim, já nas primeiras páginas do *Curso*, vemos Saussure afirmar:

'A linguagem é um sistema de signos que expressam idéias, e é portanto comparável a um sistema de escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, a ritos simbólicos, a regras de etiqueta, a sinais militares, etc. Mas ela é o mais importante de todos esses sistemas.' (Saussure 1916/1974: 16. *ênfase minha*)

Como se observa, na primeira sentença da citação acima, Saussure parece considerar a escrita ao mesmo nível da linguagem falada e outros sistemas de signos. Mas, em seguida, ele afirma a primazia da fala sobre todos os demais modos de comunicação, especialmente quando em relação à escrita, como ele volta a insistir em outras passagens do *Curso* — para ele existe apenas um significado possível para o significante 'linguagem', e este é 'a fala'. Saussure considerava a escrita como sendo simplesmente um meio para gravação ou anotação da fala, e não como um outro sistema paralelo de comunicação com especificidades próprias, como se pode verificar ao longo daquele texto. No Capítulo VI do *Curso*, onde ele trata da *representação* da linguagem, Saussure, mesmo reconhecendo a utilidade de textos escritos no estudo do sistema subjacente à linguagem falada, afirma que:

'A linguagem e a escrita são dois sistemas de signos distintos; o segundo existe com o único propósito de representar o primeiro. O objeto linguístico não é ambas as formas escritas e faladas das palavras; as formas faladas são somente as que constituem o objeto. Mas a palavra falada está tão intimamente associada à sua imagem escrita que a última termina por usurpar o papel principal.' (Saussure 1916/1974: 23-24, ênfases minhas)

Esta afirmação de Saussure é realmente muito estranha, pois vinha de alguém que havia rejeitado idéias *ad hoc* e positivistas que prevaleciam sobre os signos no início do século, advogando, em troca, que se os estudasse através de uma abordagem científica unificada. Como o filósofo Jacques Derrida observou em seu livro seminal *Of Grammatology* (Derrida 1967/1976), Saussure estava claramente reproduzindo em seu *Curso* um antigo argumento filosófico europeu, que sistematicamente taxava qualquer espécie de *escrita* como sendo simplesmente um *suplemento* acidental, particular e exterior da fala, e cuja única função seria a de re-apresentar signos fonéticos tidos como hierárquicamente superiores.

O lingüista Josef Vachek (1973), por sua vez, diz que esse preconceito contra a escrita já era consensual na prática linguística do século dezanove, muito antes do aparecimento do *Curso* de Saussure (1916), e que continuou a ser amplamente propagado pelos lingüistas, sem exceções, até as três primeiras décadas de nosso século:

'O próprio termo linguagem escrita é raramente encontrado nos livros e artigos de lingüística desses períodos - os termos geralmente encontrados são escrita (Schrift, écriture), e até mesmo soletramento (spelling)... A idéia dominante da lingüística naquele período é a da absoluta supremacia (ou 'legitimidade linguística') da linguagem falada e da constituição acústica das frases faladas.' (Vachek 1973: 9-10)

Derrida, no seu *Of Grammatology*, que desconstrói posições similares avançadas ao longo da história por diversos filósofos ocidentais de peso (entre eles, Aristóteles, Platão, Rousseau, Hegel), nota que ao signo escrito tem sido tradicionalmente atribuída a condição de ser simplesmente o 'signo de um signo', e que Saussure não se excluía dessa posição (Derrida 1967/1976: 29). Porque, de acordo com Saussure, parecia haver uma precedência 'natural' do

signo lingüístico em relação ao signo gráfico, uma vez que a fala era, do seu ponto de vista, 'a única ligação verdadeira' (Saussure 1916/1974: 25) entre os pensamentos e os sentidos, isto é, entre os *significados* e os *significantes* (observe-se a ordem em que ele usava esses termos).

Derrida chama nossa atenção para o fato de que tais preconceitos contra a escrita advém dos antigos pensadores gregos: 'Lembremos da definição aristotélica: "Palavras faladas são os símbolos das sensações mentais e palavras escritas são os símbolos de palavras faladas"' (Derrida 1967/1976: 30). Para Aristóteles a voz tinha uma relação de proximidade essencial e imediata com a mente, por ser a produtora dos primeiros símbolos. Assim sendo, o significante falado era considerado como sendo mais verdadeiro (mais fiel ao pensamento) que os demais: 'ele significa "experiências mentais" que por sua vez refletem ou espelham as coisas por semelhança natural' (Derrida 1967/1976: 11). Portanto, o significante escrito só podia ser técnico e representativo, sem qualquer participação na constituição do sentido — era um estranho, um excluído, um perigoso suplemento, estrangeiro à verdadeira 'linguagem' (ou à significação).

Essas noções estreitas cegaram os filósofos para a participação dos signos escritos na significação. Esses signos então se tornaram subordinados a um funcionamento que, como argumenta Derrida, na realidade nunca é completamente fonético ou secundário, como pretendiam os antigos (Derrida 1967/1976: 30). A escrita fonética, concede Derrida, é usada maciçamente em nossos contextos científicos e culturais, mas ela não corresponde ou abarca completamente todas os possíveis tipos de *escritas*.

Saussure reconhece apenas dois sistemas de escrita no seu *Curso*, e ele considerava a ambos como subordinados à linguagem oral: ou eram sistemas de representações de palavras do tipo sintético, globalizante, diagramático (como o sistema ideográfico da escrita chinesa), ou do tipo modular, discreto, e de signos foneticamente relacionados (como o das escritas alfabéticas ou silábicas). Assim, ele afirma:

Existem dois sistemas de escrita:

1) Em um sistema ideográfico cada palavra é representada por um único signo que não guarda relação alguma com os sons da palavra em questão. Cada signo escrito representa uma palavra inteira e,

consequentemente, a idéia [o significado] expresso pela palavra. O exemplo clássico de um sistema de escrita ideográfico é o Chinês. 2) O sistema comumente conhecido como 'fonético' tenta reproduzir a sucessão de sons que constituem uma palavra. Sistemas fonéticos são algumas vezes silábicos, outras vezes alfabéticos, i.e., baseados nos elementos irreduzíveis [mínimos] usados na fala. Além disso, sistemas ideográficos tornam-se facilmente mistos quando certos ideogramas perdem seu valor original e tornam-se símbolos de sons isolados.' (Saussure 1916/1974: 25-26, ênfase minha)

Em resumo, ao mesmo tempo em que define ambas a fala e a escrita como sistemas similares de escrita, Saussure subordina o segundo inteiramente ao primeiro. Uma vez que também postula que em um signo 'o acoplamento entre o significante e o significado é arbitrário' (Saussure 1916/1974: 67), Saussure não pode admitir uma escrita *simbólica*, isto é, uma escrita motivada por ações singulares ou emoções (que corresponderiam às dimensões indiciais e icônicas da significação na semiótica de Peirce), como podemos observar em pictogramas, fotografias, desenhos, pinturas, representações tridimensionais, etc. Porque, para ele, 'signos que são totalmente arbitrários concretizam melhor que os demais o *ideal* do processo semiológico' (Saussure 1916/1974: 68, ênfase minha). Na sua semiótica, a norma é o significante acústico subjetivamente *insignificante* — não-motivado, despersonalizado, materialmente inexpressivo e transparente, absolutamente neutro. Do qual o significante escrito é simplesmente uma tradução gráfica secundária e igualmente inexpressiva.

A imposição daquele modelo lingüístico esterilizado sobre todos os demais sistemas semióticos foi uma decisão não muito sábia por parte de Saussure, diz Derrida, uma vez que com tal postulação 'não existe escrita enquanto o grafismo mantiver uma relação de figuração natural e de alguma parecnça com o que é então não *significado* mas representado, desenhado, etc.' (Derrida 1967/1976: 32). Além disso, observa Derrida, Saussure restringe suas discussões sobre a escrita ao sistema alfabético que herdamos dos gregos, como ele mesmo reconhece (Saussure 1916/1974: 26), ignorando portanto por completo todas as demais alternativas.

A intenção de Saussure é clara, diz Derrida: ele está ansioso para reduzir *toda* a escrita à mera função de transcritora da linguagem falada, para torná-la uma simples *notação*. Assim fazendo, a escrita

é transformada em um utensílio e excluída da linguagem 'natural', uma vez que, segundo Saussure, ela é 'uma ferramenta imperfeita e uma perigosa, quase maléfica, técnica' (Derrida 1967/1976: 34).

Mas, ironicamente, mesmo 'aquele modelo particular que é a escrita fonética, *não existe*', observa Derrida (1967/1976: 39), já que se pode facilmente constatar a 'maciça infidelidade de escritos matemáticos, de sinais de pontuação, e do espaçamento em geral, que dificilmente poderiam ser considerados simples acessórios da escrita, ao modelo fonético de escrita idealizado por Saussure' (Derrida 1967/1976: 39).

Saussure, ao contrastar e privilegiar os signos falados às custas de um sistema particular e subordinado que não era representativo de *toda* a escrita, assim reproduzia aquela visão estreita, estereotipada e etnocêntrica característica dos pensadores europeus. Esta teleologia (predestinação ideológica) da escrita, aponta Derrida, 'leva a interpretar todas as erupções do não-fonético na escrita como sendo crises transitórias e acidentais de passagem', e 'mesmo que essa teleologia responda a alguma absoluta necessidade ela deveria ser problematizada como tal' (Derrida 1967/1976: 40), especialmente quando Saussure diz que a linguagem deve ser *protegida* da forma gráfica das palavras.

Porque, segundo Saussure, a única conexão verdadeira ou fiel entre significantes e significados, ou pensamentos, é 'a conexão do som' (Saussure 1916/1974: 25). Mas a forma gráfica, diz ele, consegue 'se impor' às pessoas às custas do som (Saussure 1916/1974: 25); portanto, a linguagem deve ser protegida da 'imerecida importância da escrita' (Saussure 1916/1974: 25), de seus 'absurdos' tipográficos (Saussure 1916/1974: 28), de seus soletramentos 'irracionais' (Saussure 1916/1974: 29), de sua 'natureza equívoca' (Saussure 1916/1974: 31), de sua 'tirania' (Saussure 1916/1974: 31), de seus erros 'patológicos' (Saussure 1916/1974: 31), de suas 'deformações' fônicas (Saussure 1916/1974: 32) que 'a lingüística deveria por...em um compartimento especial para observação...[porque] elas são casos teratológicos[monstruosos]' (Saussure 1916/1974: 32).

Derrida julga todas essas afirmações muito sintomáticas: 'Parece então como se Saussure desejasse *ao mesmo tempo* demonstrar a corrupção da fala pela escrita, para denunciar o dano causado pela segunda à primeira, e sublinhar a inalterável e natural independência

da linguagem. "Linguagens são independentes da escrita" [(Saussure 1916/1974: 24)]. Tal é a verdade da natureza [para Saussure]', aponta Derrida (1967/1976: 41).

'Mas onde está a maldade?' pergunta Derrida, 'O que tem sido investido na "palavra viva", que faz intoleráveis tais "agressões" da escrita?... Que proibições foram assim transgredidas? Onde está o sacrilégio? Por que deveria ser a língua mãe protegida da operação da escrita?... Por que não deveria a língua mãe ter uma história?...? Por que desejar punir a escrita por um crime monstruoso, ao ponto de querer reservar-lhe, mesmo dentro do contexto científico, "um compartimento especial" que a mantivesse à distância? Porque é sem dúvida dentro de uma colônia de leprosos intialinguística que Saussure deseja conter e concentrar o problema das deformações realizadas pela escrita' (Derrida 1967/1976: 41-42, ênfase minha).

Os preconceitos de Saussure contra a escrita, como vêm à tona naquele sexto capítulo do seu *Curso*, são sem dúvida muito curiosos, já que suas emocionadas afirmações aí são contraditas por outras que ele faz em outras passagens do mesmo *Curso*. Lemos, por exemplo, nas páginas iniciais daquele livro: 'A coisa que constitui a linguagem é, como mostrarei mais adiante, não relacionada ao caráter fônico do signo lingüístico' (Saussure 1916/1974: 7).

Tais contradições, de acordo com Derrida, advêm do fato de que Saussure, a despeito de suas concepções 'revolucionárias' sobre a linguagem, continuava ainda apegado ao que ele chama de *metafísica logocêntrica da presença*, aquela posição filosófica pela qual a fala tem sido sempre vista como sendo a única conexão verdadeira que temos com o nosso pensamento, a escrita sendo apenas uma mera técnica para representá-la:

'O sistema da linguagem associado com a escrita alfabética fonética é aquele dentro do qual a metafísica logocêntrica, determinando o sentido de ser como presença, tem sido produzida. Este logocentrismo, esta época da fala plena, tem posto sempre entre parênteses, suspenso, e suprimido por razões essenciais, toda reflexão livre sobre a origem e posição da escrita, toda ciência da escrita que não fosse tecnologia e história de uma técnica, e ele mesmo se apoiando sobre uma mitologia e uma metáfora de uma escrita natural (motivada)'. (Derrida 1967/1976: 43)

A lógica de Saussure é contraditória, continua Derrida, porque

se os signos são sempre arbitrários, não motivados, como afirma (Saussure 1916/1974: 68-69), e se linguagem falada e escrita são 'dois sistemas distintos de signos' (Saussure 1916/1974: 23), como é então possível que ele diga a escrita é uma 'imagem' ou 'figuração' da linguagem? Como observa Derrida, se o princípio de Saussure da arbitrariedade do signo deve manter-se para a convencionalidade da relação entre o fonema e o grafema, pela mesma moeda ele proíbe que um grafema seja uma imagem de um fonema ou, generalizando, que qualquer signo seja uma re-presentação de um outro signo. 'Deve-se portanto desafiar, em nome da mesma arbitrariedade do signo, a definição Saussureana da escrita como 'imagem' — portanto como símbolo natural [signo motivado] — da linguagem' (Derrida 1967/1976: 45).

De acordo ainda com Derrida, as noções de Saussure sobre a escrita, visando caracterizá-la como exterior e acidental à linguagem, são totalmente inadequadas e mostram que a intenção do Capítulo IV do *Curso* não era nada científica: 'Quando digo isso', diz Derrida, 'minha disputa não é propriamente com a intenção ou motivação de Ferdinand de Saussure, mas sim com toda aquela tradição não questionante que ele herda.... Isto e outros indicadores (de maneira geral o tratamento dado ao conceito de escrita) já nos fornecem meios seguros de começar a de-construção da maior totalidade de todas — o conceito do epistema e a metafísica logocêntrica — dos quais se produzem, sem jamais colocar-se a radical questão da escrita, todos os métodos ocidentais de análise, explicação, leitura, ou interpretação' (Derrida 1967/1976: 45-46).

A leitura que Derrida faz do *Curso* objetiva mostrar não só as posições contraditórias que Saussure assume naquele texto, mas também e indiretamente visa a desconstrução de pressupostos igualmente logocêntricos endossados por outros pensadores (em particular, os filosofemas de Hegel, Rousseau e Lévi-Strauss, como os chama Derrida).

Por um lado, como diz Derrida, o *Curso* se afasta radicalmente da tradição logocêntrica, quando Saussure argumenta que os signos são totalmente arbitrários e convencionais, no sentido de que o que distingue um signo do outro não são atributos essenciais, positivos, mas sim *diferenças* relativas — uma proposição que torna a linguagem em um sistema de diferenças puramente relacional, e seus signos em

produtos dessas diferenças, ao invés de entidades positivas, ou 'palavras', como postulava a tradição logocêntrica.

Por outro lado, contudo, continua Derrida, o texto de Saussure confirma o investimento logocêntrico na natureza transcendental do significado (a prioridade acordada ao conceito, à idéia, à alma, à determinação do homem, a Deus, etc.) uma vez que está implícito, em certas passagens do *Curso*, que o significado precede o significante, como por exemplo: 'A substância fônica não é nem mais fixa nem mais rígida que o pensamento; ela não é um molde ao qual o pensamento deve necessariamente se ajustar, mas sim uma substância plástica que é dividida por seu turno em partes distintas para fornecer os significantes que o pensamento necessita' (Saussure 1916/1974: 112, ênfase minha). Como se deduz dessa afirmação, Saussure considera o significante fônico como sendo secundário ao processo de significação, como se fosse um simples veículo para o etéreo, metafísico, desmaterializado 'pensamento'.

Esse logocentrismo ainda sobrevive em muitos modelos de comunicação social, onde qualquer prática significativa é colocada em termos de um simples processo de troca de mensagens, que são vistas como não-problemáticas, como simples meios materiais neutros e transparentes para 'transporte' de informações mentais, para intercâmbio de significados 'padrões' entre mentes de emissores e receptores 'padrões'. Em decorrência disso, muitos estudos sobre a comunicação escrita tendem a ser simples exercícios verbais sobre 'análise de conteúdo', com muito pouca atenção sendo prestada aos papéis desempenhados tanto pelas qualidades materiais dos textos quanto pelas subjetividades de leitores e investigadores (inclusive) envolvidos na *produção* (e re-produção) de sentidos e significados.

Críticas adicionais podem ainda ser feitas ao logocentrismo, quando consideramos a questão da forma do significante gráfico. Por exemplo, no campo dos estudos literários, Culler (1982) acrescenta, seguindo as pegadas de Derrida, que o logocentrismo sempre privilegiou o sentido *pretendido* pelo autor da mensagem ou texto, considerando o leitor como um receptor passivo de idéias comunicadas, assim renegando a produção ativa de outras significações, a pluralização de significados, provocada pela forma material dos significantes gráficos:

“Privilegiar a fala tratando a escrita como uma representação parasítica e imperfeita da mesma é uma maneira de por de lado certas características da linguagem ou aspectos de seu funcionamento. Se distanciamento, ausência, desentendimentos, insinceridade e ambigüidade são características da escrita, então ao distinguir a escrita da fala se pode construir um modelo de comunicação que toma como norma um ideal associado à fala — onde as palavras sustentam um sentido e o ouvinte pode em princípio pegar precisamente o que o locutor tem em mente.” (Culler 1982: 100-101, ênfases minhas)

A escrita, continua Culler, tem sido olhada com desconfiança pelos filósofos, desde os tempos de Platão, porque, em sua concepção, ela media as palavras faladas de um locutor ausente; ela introduz ambigüidades assim como padrões visuais artísticos, retóricos, que ‘distorcem’ o pensamento. Para eles,

“O ideal seria contemplar o pensamento diretamente. Uma vez que isso não é possível, a linguagem deveria ser idealmente tão transparente quanto fosse possível. A ameaça da não-transparência está no perigo de que, ao invés de permitir a contemplação direta do pensamento, os signos lingüísticos [escritos] possam paralisar o olhar e, pela interposição de sua forma material, possam afetar ou infectar o pensamento. Pior ainda, o pensar filosófico, que deveria estar além das contingências da linguagem e da expressão, poderá ser afetado pela forma dos significantes de uma linguagem....” (Culler 1982: 91, ênfase minha)

Ora, de acordo com Derrida e a semiótica pós-estruturalista, ambigüidades e paradoxos são inevitáveis na produção de significação, e muito mais ainda quando ela envolve o meio da escrita, quando então o autor ou emissor da mensagem está geralmente ausente e distante, no tempo ou no espaço, para poder prover um *feedback* ‘corretivo’. Sentindo este ‘perigo’, a filosofia, que tanto depende do livro para a propagação de suas teorias transcendentais, sempre tentou reprimir as qualidades materiais icônicas (figurativas) e indiciais (conectivas) dos seus textos, enfatizando apenas seus aspectos simbólicos (lingüístico-convencionais). Em consequência desse posicionamento, a *tipografia* acadêmica tem estado geralmente a serviço de uma concepção notacional, algébrica, da linguagem que promove uma visualidade neutra, e o mais possível transparente, das formas gráficas de seus impressos, e que tenta valorizar apenas o ‘conteúdo’ das suas ‘formas’.

Não é de admirar, portanto, que a escrita linear interrompida, não-ilustrada, monotonamente 'cinza', tenha se tornado a norma e o ideal tipográfico dos chamados livros 'sérios', numa tentativa fútil de impressores e editores de torná-la uma re-presentação neutra e tão fiel quanto possível à 'fala original' e aos significados pretendidos por seus autores. Fútil porque, como Derrida nota, se a pintura – *zoografia*, como ele a chama – a protoforma da escrita, é infiel tanto ao *ser* como à *fala*, porque os congela, o mesmo vale para a escrita alfabética em geral, como Platão e Rousseau bem sabiam. Se a zoografia tinha trazido a morte, a escrita carrega a morte: ninguém está ali quando a interrogamos (Derrida 1967/1976: 292).

Ora, os filósofos tradicionais sempre tentaram reprimir o fato que suas leituras do mundo, eram sempre e já interpretações retóricas, *invenções*, *versões* de realidade, ao invés de descobertas de sentidos e significados imutáveis, 'verdades naturais', transcendentais. Eles não podiam admitir que eles também eram retóricos, interessados em persuadir o público — pois filósofos sempre se consideraram estar mais próximos à 'verdade' que o resto de seus semelhantes, principalmente quando falando em nome de Deus.

Por isso, a escrita e a leitura alfabética — linear, simbólica (de formas gráficas não-motivadas), sem ilustrações, sem diagramas, e com um mínimo de variantes tipográficas — é a alternativa mais privilegiada pelo logocentrismo. Como acentua Derrida, para a maioria dos filósofos:

'A escrita alfabética está relacionada tão somente com representantes puros. Ela é [para eles] um sistema de significantes onde os significados são significantes: fonemas. A circulação de signos é [assim] infinitamente facilitada. A escrita alfabética é a mais muda possível, pois não fala qualquer linguagem de imediato. Mesmo estranha à voz, ela é [suposta ser] mais fiel à ela e a sua melhor representante.'
(Derrida 1967/1976: 300)

Contudo, continua Derrida, o valor de um tal modo 'racional' e 'universal' de escrita é ambíguo, porque 'a universalidade ideal da escrita fonética é devida à sua infinita distância em relação ao som...e ao sentido significado pela palavra falada' (Derrida 1967/1976: 301).

Pois a escrita fonética, tanto quanto a pintura, não estão amarradas a nenhuma linguagem determinada, tendo suas próprias especificidades.

Por outro lado, acrescenta Derrida, a pintura, a escrita pictórica

BIBLIOGRAFIA

CULLER, J (1982) *On Deconstruction*, Ithaca: Cornell University Press

DERRIDA, J (1967/1976) *Of Grammatology*, translated by Gayatri Spivak, Baltimore, Maryland: The John Hopkins University Press (First published in 1967 as *De la Grammatologie*, Paris: Les Éditions de Minuit)

SAUSSURE, F de (1916/1974) *Course in General Linguistics*, ed. by C Bally and A Sechehaye with A Reidlinger, translated by W Baskin, rev.ed., London: Fontana/Collins (First published in 1916 as *Cours de linguistique générale*, Geneva)

VACHEK, J (1973) *Written Language: General problems and problems of English*, Janua Linguarum, Series Critica no.14, directed by Werner Winter, The Hague: Mouton & Co. N. V. Publishers

FLÁVIO VINÍCIUS CAUDURO

Prof. FAMECOS PUCRS

Pesquisador UFRGS, Ph.D.

em Comunicação Gráfica